

# O olhar para fora: Kátia Prates diante da pandemia

Mirna Xavier Gonçalves<sup>1</sup>

---

## Resumo

O presente ensaio tem como objetivo explorar algumas das possibilidades do trabalho de Kátia Prates (Porto Alegre, 1964), especialmente se visto diante do cenário atual brasileiro, que envolve uma catástrofe pandêmica. O texto discorre sobre a capacidade apresentada pelo conjunto de obras de Prates como potentes lentes sob as quais pode-se sensibilizar o cotidiano maçante da pandemia.

**Palavras-Chave:** Poética, Paisagem, Pandemia

---

## Abstract

This essay seeks to explore some of the possibilities from Kátia Prates' work (Porto Alegre, 1964), especially when seen from the point of view of the year 2020 in Brazil, assaulted by the pandemic. The work discusses Prates' work in the capacity of a potent filter in which the daily life within the pandemic can be at an ease.

**Keywords:** Poetics, Landscape, Pandemic.

1

Mestra em Artes Visuais (Ensino e Percepção Estética) pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda em Artes Visuais (História, Teoria e Crítica de Arte) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul com pesquisa financiada pela CAPES. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira Veras, professor do PPGAV da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



**A** revisão da paisagem como assunto de interesse dentro do campo da arte é recorrente: a potência da dúvida de Cézanne reverbera através dos tempos e rende observações pós-modernas para a questão do olhar, da representação e da recepção da paisagem, bem como inúmeras outras dúvidas desdobradas a partir daí. Quando estes levantamentos atingem o cotidiano atarefado do século XXI estes recebem a carga de uma época que nos lança de um lado para o outro sem que tenhamos acesso a momentos de pausas para reflexão.

Estes instantes de pausa são apontados por Jonathan Crary como uma preciosidade contemporânea, especialmente quando leva-se em consideração a natureza ininterrupta da lógica do mercado – que visa manter-nos atrelados ao trabalho e ao consumo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Tendo este cenário como plano de fundo, como pode o cotidiano pós-moderno ser contemplado pelo tesouro da suspensão de atividades em prol de um olhar contemplativo?

Algumas respostas nos são oferecidas através do trabalho artístico da porto-alegrense Kátia Prates (1964 -), que nos incentiva a realizar movimentos de reflexão: seus trabalhos elaboram o próprio ato de olhar para uma obra de arte como uma ação subversiva à correria cotidiana. Fotografias que revisitam cenários da nossa recorrência, como por exemplo paredes, nos convidam a encontrar grandeza e sensibilidade em ocasiões que damos como corriqueiras e constantemente ignoramos.

Em sua fala, no mestrado em artes visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>2</sup>, Kátia comenta sobre suas experiências trazendo o ato de olhar como uma ação ativa, mesclando seus interesses entre o oculto e o visível, convidando o público para este debate. Esta é uma das aproximações presentes em seu trabalho *Espíritos VII*, que se utiliza do neveiro de gelo seco dentro de uma sala fechada para jogar com a noção de percepção espacial dos observadores, que navegavam a área tateando por referências de espaço.

O conceito de percepção de visualidades segue recorrente no trabalho da artista, que mais tarde em *Dioramas*, encontra intersecções possíveis entre a figuração presente em brinquedos de plástico e a abstração de sólidos geométricos moldados em acrílico, brincando com os limites da

2

Fala proferida virtualmente no dia 24 de setembro de 2020 para a turma número vinte e sete do mestrado em artes visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul dentro da disciplina de Leitura de Obras de Arte I, ministrada pela Prof. Dra. Mônica Zielinsky.



forma, da cor, de texturas e outras características divididas pelos objetos em questão.

Os trabalhos que terão ênfase neste ensaio trazem as proposições entre os limites do abstrato e do figurativo através de fotografias de paisagens que jogam com o olhar para o cotidiano: céus azulados, copas de árvores, massas de água de rio e, por fim, paredes. Todos estes tomam os limites do suporte, preenchendo-o e favorecendo perguntas sobre o caráter da paisagem, da abstração, e da relação perceptiva do sujeito com seus arredores, sejam eles do campo da natureza ou do campo da cultura.

Estas obras, como já brevemente pontuado, levantam considerações relevantes ao campo da abstração: uma imagem de forte caráter indiciário, vinda do escopo da fotografia, transborda para a área da abstração e levanta questões sobre como se compõe o campo do abstrato, do representativo e do icônico.

Graças a estas fotografias somos levados a refletir se, por exemplo, elementos que encaramos na nossa rotina poderiam estar na obra tanto quanto aquelas árvores ou aquele céu. E ainda: Seria este céu o mesmo que o público vê de suas casas? Se não é, quais as mudanças? Como o público pode perceber estas variações? Como se constituiria o interesse por esta questão para o observador?

A indagação sobre o caráter da paisagem, das possíveis abstrações que a compõem e a iminente mescla entre arte e vida são também levantadas pela artista visual Eduarda Gonçalves<sup>3</sup>, conterrânea e contemporânea de Kátia Prates que desenvolve uma pesquisa acadêmica e poética que abraça as possibilidades do que pode ser considerado paisagem, examinando como ela se desenvolve e se desdobra dentro do cotidiano pós-moderno, levantando quais questões envolvendo seu aspecto visual podem ser levados ao abstracionismo.

Tanto Prates quanto Gonçalves interessam-se na possibilidade de quebrar o transe mecânico da vida contemporânea através da arte, propondo revisitações e novas observações de suas cenas e questionando sobre a desvalorização que a maioria da população impõe aos seus arredores.

Como já previsto por Néstor García Canclini, o elo entre o que ocorre no cotidiano e o que é feito no campo da arte é inquebrável. A arte e o

3

Eduarda Azevedo Gonçalves.  
Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/5301588/eduarda-azevedo-goncalves>>.  
Acesso em 24 de setembro de 2020.



contexto no qual ela é feita, no qual ela circula e, acima de tudo, no qual sua presença reverbera com maior intensidade são pontos consideráveis ao tecermos reflexões sobre este campo.

Dito isto, diante da pandemia de COVID-19 que atingiu o Brasil no ano de 2020 tornamo-nos incapacitados de uma troca de ares: a maioria de nós encontra-se em reclusão parcial, sendo incentivado a olhar dia após dia para o mesmo cenário. Os que se encontram em suas casas há meses veem-se diante dos mesmos cômodos e janelas, encarando a cidade com ares de aborrecimento.

O trabalho destas duas artistas vem como um imenso respiro para esta densa realidade: uma simples parede ao lado de alguém pode prover algum tipo de experiência estética através de seus nuances quase imperceptíveis de cor, suas manchas, suas rachaduras e texturas; as luzes noturnas da cidade podem ser vistas com acalento, jogando com as dualidades de escuridão e claridade; o apagamento dos azulejos de um banheiro podem ser interessantes. Basta um olhar sensível, ou indireto, como tecem as palavras de Marly Meira diante da reflexão de Ítalo Calvino.

A autora retoma o mito grego da Medusa, no qual o herói Perseu se vê diante do desafio de decepar a cabeça da Górgona sem se deixar ser petrificado por seu olhar. Ele a encara diante de um reflexo no seu escudo e consegue ser bem sucedido em seu feito, escapando vivo com a cabeça da Medusa em mãos. A analogia com o olhar petrificante do mundo é trazida por Calvino e Meira menciona: "O escudo foi o artifício que permitiu olhar a figura que encarasse a realidade, nesse mito. Impossível olhar diretamente para ela, ninguém suporta o terror de perto." (MEIRA, 2001, p 103).

A arte fornece, de acordo com esta autora, um modo de olhar de soslaio para aquilo que é aterrador, como é o caso do ambiente pandêmico: "Olhar por meio do escudo mostra o recurso do artista que, com sua astúcia, estabelece uma relação enviesada com a vida. Trata-se de uma tática que, sendo estética, é, igualmente, ética e política." (IDEM, p. 103)

No momento da pandemia, no qual espaços que serviam de simulacro, como espaços virtuais, se tornam espaços cada dia mais habitados enquanto os espaços reais são ignorados, o olhar trazido por Kátia Prates é a chave para abraçarmos os microcosmos que cada um de nós habitamos: ela abre



a possibilidade de um diálogo com um mundo que, em 2020, mostra-se hostil. Nas palavras de Marly Meira:

Na sensível possibilidade de inverter a ordem do mundo, está também a oportunidade de reciprocidade, do diálogo, que a arte oferece. A imaginação assume uma poderosa força estratégica convertendo-se em um poder de permutação e metamorfose ao vestir a roupagem que a forma plástica lhe apresenta. (IDEM, p. 104).

O ato intimista de revisitar seu próprio cotidiano se mostra necessário neste contexto, e a artista provê com esta necessidade fazendo ela própria esta troca com a paisagem de dentro e de fora dos lares.

A arte aqui, portanto, mostra-se valiosa para sustentar o tão buscado respiro já comentado por Jonathan Crary, que concorda com Meira neste quesito. A força de trabalhos como os de Prates amparam o sujeito diante do nosso cotidiano pandêmico e nos convida a resistir às dificuldades através de um olhar sensível.

#### Referências:

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Sociedade sem Relato*. Editora EdUSP: São Paulo. 2012

CRARY, Jonathan. *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PRATES, Kátia. *Works*. Disponível em <<https://katiaprates.carbonmade.com>>. Acesso em 20 out 2020.

MEIRA, Marly Ribeiro. Educação Estética, Arte e Cultura do Cotidiano. In: PILLAR, Analice Dutra (Org). *A educação do olhar no ensino das artes*. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2001. p.119-140.

